

## *Topus Utopicus:* o espaço em Utopia, de Thomas Morus

Raysa Barbosa Corrêa Lima Pacheco <sup>[1]</sup>, Oziris Borges Filho <sup>[2]</sup>

[1] raysa\_pacheco@hotmail.com. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). [2] oziris@oziris.pro.br. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

### RESUMO

---

No presente trabalho analisamos a obra *Utopia*, de Thomas Morus, sob o ponto de vista de sua construção espacial. Para tal análise, utilizamos a metodologia da Topoanálise, que foi desenvolvida a partir das idéias de Bachelard, Osman Lins, Iuri Lotman e outros. Pretende-se mostrar como o espaço da ilha é construído dentro da obra bem como explicitar os vários efeitos de sentido criados pelas estratégias utilizadas pelo narrador.

Palavras-chave: Topoanálise. Espaço. Thomas Morus. Utopia.

### ABSTRACT

---

This paper analyzes the book *Utopia* by Thomas Morus from the point of view of its space construction. On this propose, we use the methodology called Topoanalysis which was developed from the ideas of Bachelard, Osman Lins, Iuri Lotman and others. It is intended to show how the space of the Island is built into the novel and explain the different effects of meaning created by the narrator's strategies.

Keywords: *Topoanalysis. Space. Thomas Morus. Utopia.*

## 1 Introdução

Thomas Morus (1478-1535) foi um pensador inglês que teve grande participação na vida política de seu país, visto que chegou ao cargo de chanceler de Henrique VIII. Porém, acabou condenado à morte pelo próprio rei por ter recusado aceitá-lo como chefe da Igreja na Inglaterra.

Sua obra mais famosa, *Utopia*, foi publicada no ano de 1516 e é dividida em duas partes. Na primeira, há uma conversa sobre a situação política e social da Inglaterra no século XVI, marcada pelo absolutismo e pela divisão desigual de terras. Na segunda parte, que é de interesse do presente trabalho, Rafael Hitlodeu, um dos participantes das reflexões propostas na primeira parte, descreve a ilha de Utopia, que teria conhecido em uma expedição com Américo Vespúcio. Tal ilha é imaginária e nela todos os cidadãos vivem de maneira ideal.

Esta análise pretende estudar os espaços da ilha de Utopia e seus respectivos efeitos de sentido dentro da proposta do narrador, que é de criar um lugar idealizado. A metodologia utilizada será a da topoanálise, proposta por Borges Filho (2007) na obra *Introdução à topoanálise*. Após a leitura da obra, primeiramente são selecionados os trechos referentes ao espaço que são mais pertinentes e, posteriormente, são analisados em consonância com a teoria. Dessa maneira, será possível perceber como a construção do espaço utopiano corrobora as idéias defendidas ao longo da obra, através das análises dos espaços: da ilha, de sua capital Amaurota, das águas de Utopia e, por fim, das ruas, praças e casas.

## 2 A ilha

A descrição da ilha de Utopia se inicia assim:

A ilha da Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, situada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente. (MORUS, 1997, p. 57)

A primeira impressão que se tem é de que a espacialização, de acordo com Borges Filho (2007), é franca, ou seja, o narrador, em terceira pessoa,

descreve com objetividade o espaço. Porém, apesar desse aspecto, cabe ressaltar que Rafael Hitlodeu, narrador da descrição da ilha, realiza uma espacialização reflexa através de suas impressões pessoais e de suas experiências por ter morado certo tempo em Utopia. É possível perceber certo efeito de objetividade e realidade, já que as descrições parecem estar baseadas apenas em fatos. Isso é comprovado pelas dimensões, expressas em números exatos: *duzentos mil passos, quinhentas milhas, onze mil passos*.

De qualquer maneira, não se pode ignorar o fato de Hitlodeu ser um narrador-personagem na obra de Morus e de deixar vir à tona, de alguma forma, suas impressões subjetivas. De acordo com a teoria de Genette (1977), o narrador da segunda parte de *Utopia* pode ser considerado homodiegético, já que participa da história narrada e das conversas reflexivas na primeira parte da obra. Além do mais, também é intradiegético, pois desenvolve uma narrativa secundária<sup>1</sup> dentro da obra como um todo, visto que é o próprio Morus que narra a primeira parte de *Utopia* e delega a voz, na segunda parte, ao amigo Hitlodeu, estabelecendo assim uma narrativa secundária. Assim, há dois narradores, Morus e Rafael, mas Rafael insere-se secundariamente na narrativa de Morus.

A ilha é um continente que pode ser subdividido em espaços menores, seus conteúdos, os quais podem ser chamados de microespaços. Entre eles, podemos destacar os espaços criados pelo homem, que são cenários: as cidades, as ruas, as praças, os mercados etc. Também podem ser apreendidos os espaços de natureza da ilha, que independem da ação humana, como os rios e as montanhas. Todos serão analisados posteriormente e individualmente.

Ao analisarmos a descrição da ilha, fica claro que ela tem o formato de uma meia-lua ou, como diria o narrador, um crescente. O *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2008) indica que o crescente, uma das quatro fases da lua, é o símbolo da mudança e da restituição, do princípio feminino aquático e a imagem do paraíso. No contexto de Utopia, a concepção de paraíso encaixa-se coerentemente, visto que as descrições da ilha direcionam para um lugar paradisíaco. Esse semicírculo descrito forma um porto na orla marítima, um porto calmo que facilita que os navios atraiam. Essa ideia é explorada

<sup>1</sup> De acordo com Gérard Genette, poderíamos também chamar a essa segunda narrativa de hipodiegética.

no trecho seguinte, que demonstra toda essa calma e serenidade:

O mar enche esta imensa bacia; as terras adjacentes que se estendem em anfiteatro quebram o furor dos ventos, mantendo as águas calmas e pacíficas, e dando a esta grande massa líquida a aparência de um lago tranqüilo. Esta parte côncava da ilha é como um único e vasto porto acessível aos navios em todos os pontos. (MORUS, 1997, p. 57)

O mar, elemento da natureza, completa a terra, compondo um espaço aparentemente perfeito, pacífico. Todo esse visual remete ao conceito de *lócus amoenus*, expressão latina que significa “lugar ameno”, um tópico recorrente na literatura clássica. O *lócus amoenus* seria um lugar ideal, tranquilo, bucólico, repleto de elementos naturais como árvores, fontes e pássaros, representando a busca humana pela natureza, pela felicidade e pelo encontro de um paraíso perdido. Isso ocorre em *Utopia*, visto que o espaço natural e perfeito demonstra o desejo de uma vida também perfeita, feliz e paradisíaca para o homem, metaforizada pela organização da sociedade utopiana.

Esse espaço aprazível é propício para o desenvolvimento de uma população, visto que o porto calmo facilita as atividades de transporte. Essa descrição já estabelece um local agradável, paradisíaco e natural, ideal por sua própria natureza, sem necessidade de intervenção do homem em seus aspectos naturais. O trecho seguinte mostra a acessibilidade à ilha de Utopia:

A entrada do golfo é perigosa por causa dos bancos de areia de um lado, e dos escolhos, do outro. No meio se levanta um rochedo visível de muito longe, e que por isto não oferece nenhum perigo. (MORUS, 1997, p. 57)

Nele, percebemos a segurança do espaço expressa por uma coordenada horizontal, porque elementos que dificultam a entrada no golfo são unidos por duas extremidades: bancos de areia e o escolho, rochedo. Isso causa a impressão de que a própria natureza impõe barreiras a um espaço ao qual os homens não merecem ter fácil acesso. Através da topoanálise, fica evidente que a ilha é cheia de particularidades, como o difícil acesso, o mar calmo e sereno, a segurança imposta pela natureza. A impressão que se tem é de

que vários fatores contribuem para a singularidade espacial de Utopia. Por ser tão especial, consequentemente, a ilha não pode ficar acessível a todos.

Além da descrição do espaço natural utopiano, também há a descrição dos cenários, espaços criados através da influência humana. Estes estão contidos na própria ilha, o continente. Como não há ações, e apenas descrições, não se pode falar em criação de ambiente, visto que não há formação de clima psicológico.

No trecho seguinte, é apresentado o mito original da ilha de Utopia:

Se der créditos às tradições (...) esta terra não foi sempre uma ilha. Chamava-se antigamente Abraxa e se ligava ao continente; Utopus apoderou-se dela, e deu-lhe seu nome. Este conquistador teve bastante gênio para humanizar uma população grosseira e selvagem e para formar um povo que ultrapassa hoje todos os outros em civilização. Desde que a vitória o fez dono deste país, mandou cortar um istmo de quinze mil passos no lado em que está ligado ao continente, e a terra de Abraxa tornou-se, assim, a ilha de Utopia. (MORUS, 1997, p. 57 e 58)

Desse modo, percebe-se a origem do nome Utopia, que veio em função de um conquistador. Porém, a intenção do narrador vai mais longe, porque com o estudo da obra fica evidente como tal porção espacial é diferenciada de qualquer outra na Terra e como imaginar uma realidade como a dela, para o homem da época e até para o homem contemporâneo, é algo improvável, utópico.

Essa improbabilidade de existência da ilha de Utopia causa um efeito interessante, porque uma ilha tão perfeitamente organizada, a começar da disposição dos elementos naturais (mar calmo e perfeito, natureza conferindo segurança), não pode existir em nenhum lugar do planeta. Logo, só pode ser utópica, inexistente, presente apenas no terreno do desejo e da imaginação. Por isso, o nome Utopia pode ser considerado um topônimo, ou seja, o nome próprio estabelece uma relação de semelhança com a própria ilha, por reforçar seu caráter utópico, de inexistência.

O mito narra como a própria história da ilha fez com que ela se separasse do continente. Assim, fica claro como o fato de Utopia ser isolada geograficamente do mundo pelo mar causa um efeito de divisão:

na ilha, a idealização política, social e econômica para a harmonia vital da espécie humana; fora da ilha, fica o restante do globo, espaço dominado pela nobreza, pelas injustiças sociais, pela tirania dos monarcas. Interessante como o fato de Utopia constituir uma ilha estabelece bem essa divisão, através da organização espacial.

O *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2008) oferece algumas explicações a respeito da simbologia da ilha, como um local onde só se chega através de vôo ou navegação, como no caso de Utopia. O dicionário aponta que a ilha é o símbolo por excelência de um centro espiritual, capaz também de representar um outro mundo, um mundo maravilhoso, um mundo em miniatura. Além do mais, a ilha pode significar um refúgio. Todas essas concepções são comprovadas pelo fato de que Utopia realmente representa um mundo à parte, uma organização particular que chega a ser maravilhosa, um refúgio para a perfeição política e social. Essa maravilha faz inclusive com que o narrador recrie na obra uma espécie de Paraíso Terrestre.

*Utopia* foi publicada no ano de 1516, época coincidente com as navegações portuguesas e espanholas e com a recente chegada do homem ao território americano. Era comum o mito religioso do Paraíso Terrestre<sup>2</sup>, inclusive Colombo pensou ter encontrado o Paraíso ao chegar à América, já que encontrou porções de água doce e não sabia exatamente que as terras constituíam um novo continente. Por isso, é cabível fazer uma analogia entre a ilha e um paraíso. Não um paraíso religioso, criado por Deus e desconhecido pelos europeus, mas um paraíso de convivência humana. A seguir, há mais considerações a respeito da ilha:

A ilha da Utopia tem cinquenta e quatro cidades espaçosas e magníficas. A linguagem, os hábitos, as instituições, as leis são perfeitamente idênticas. As cinquenta e quatro cidades são edificadas sobre o mesmo plano e possuem os mesmos estabelecimentos e edifícios públicos, modificados segundo as exigências locais. A menor distância entre essas cidades é de vinte

e quatro milhas, a maior é de uma jornada a pé. (MORUS, 1997, p. 58)

As descrições apresentadas até o momento demonstram como o narrador pretende oferecer um relato detalhado a respeito do espaço da ilha de Utopia. Isso oferece um sentido de objetividade, demonstrando que o narrador conhece bem o local que narra e que é capaz de fazê-lo com fidelidade. Por isso, pode-se concluir que se trata de espacializações reflexas, em que o narrador (através da voz do amigo de Thomas Morus, Rafael Hitlodeu) apresenta abundância de detalhes, com minúcia, pautadas em suas experiências. Apesar de estar inserido no diálogo que dá origem à obra, o narrador consegue criar um efeito de objetividade através do uso de frases assertivas (não se vê o uso de verbos como achar, pensar, considerar etc.). Os adjetivos são muito usados principalmente para descrever os tamanhos e medidas, mas em alguns casos também demonstram impressões pessoais.

No trecho anterior, é descrita a maior e a menor distância entre as cidades, através de medidas numéricas, o que causa um efeito de sentido de realidade, por meio do uso dos referentes. Convertida em metros, temos a menor distância expressa por 44,448 km, um número relativamente pequeno, que demonstra que as cidades se encontram próximas umas das outras, facilitando o encontro entre as pessoas e os trâmites administrativos. Além do mais, se consideramos apenas a parte inteira, temos o numeral 44; o número quatro é presente nas medidas da ilha e ainda será explorado mais detalhadamente. Mesmo a parte decimal é composta pelo número quatro ou pelo seu múltiplo oito.

Ademais, é apresentado como as cidades estão igualmente organizadas, o que reflete nas próprias conjunturas internas da ilha que visam à igualdade em todos os setores. Cabe ressaltar que as cidades também se encontram num plano. Um espaço plano nos remete à ideia de estabilidade, igualdade e perfeição, em oposição a um espaço montanhoso, que pode ser tortuoso e desigual.

Para a subjetividade do narrador, resta o adjetivo “magníficas”, que se associa a uma impressão pessoal. Porém, caso nos convença com seu discurso de que a organização desse espaço realmente tem seu destaque, tal adjetivação pode se tornar algo irrefutável.

<sup>2</sup> O estudioso Edmundo O’Gorman, em sua obra *A invenção da América* (1992), descreve o Paraíso Terrestre como um espaço encontrado numa porção austral e alta de terras, fonte de água doce proveniente de quatro grandes rios. Colombo, ao chegar a terras americanas, pensou ter encontrado esse Paraíso.

### 3 A capital Amaurota

Como em uma nação tradicional, a organização política de Utopia também se concentra numa capital, chamada Amaurota. Chalita (2004), em seu manual *Vivendo a Filosofia*, aponta que a palavra Amaurota é de origem grega e significa “cidade que se esvanece”, ou seja, que se esvazia, desaparece, se desfaz, se enfraquece. Também encontramos a definição de que Amaurota significa “aquela que some como miragem”, que enviesa o mesmo sentido. A seguir, essa capital é descrita com detalhes em *Utopia*:

Amaurota é a capital da ilha; sua posição central transformou-a em ponto de reunião mais conveniente para todos os deputados.

Um mínimo de vinte mil passos de terra é destinado em cada cidade à produção dos artigos de consumo e à lavoura. Em geral, a extensão do território é proporcional ao afastamento das cidades. Estas felizes cidades não procuram os limites fixados pela lei. Os habitantes se olham mais como reideiros do que como proprietários do solo. (MORUS, 1997, p. 58)

Analisando os trechos anteriores, percebe-se a presença da coordenada espacial da centralidade, ou seja, é possível diferenciar no espaço aquilo que está no centro e o que está na periferia. Essa divisão não estabelece nenhum tipo de hierarquia social ou econômica, pois, como aponta o narrador, “Quem conhece uma cidade, conhece todas, porque todas são exatamente semelhantes, tanto quanto a natureza do lugar o permita” (MORUS, 1997, p. 61). Porém, a capital exerce uma certa autonomia política em relação às demais, pois é nela que se encontram as sedes do governo e do senado.

Não é ao acaso que a capital de Utopia é justamente a cidade de Amaurota; tal posição geográfica é totalmente estratégica para a capital de uma nação, por ocupar um lugar central. Tanto é que a capital de um país também pode ser chamada de “centro político”. A ilha é tão perfeitamente organizada que seu centro político coincide com seu centro geográfico, facilitando o encontro dos deputados.

Quanto à divisão de terras para lavouras, podemos observar um numeral mínimo redondo, ou seja, de cerca de 20 mil passos em extensão de terra. Logo, temos um número perfeito e exato, demonstrando a organização econômica da ilha. Nota-se também a preocupação com a produção de suprimentos para o

próprio povo utopiano, sem intenção de estabelecer comércios e obter lucro.

Ao adjetivar o espaço das cidades como “felizes”, o narrador deixa clara sua concepção de que esse local é ideal para a vivência humana, existindo, nesse caso, uma marca de subjetividade. Seu argumento para justificar essa adjetivação é de que, nas terras citadinas, há lugar para o cultivo e que os habitantes não se preocupam em serem proprietários do solo. O fato de se considerarem meros reideiros colabora para a ideia da pouca importância atribuída aos cercamentos artificiais das terras; apesar de existirem cidades, não há necessidade de separá-las. Isso demonstra a topofilia que os habitantes sentem em relação à ilha, ou seja, há uma relação afetiva positiva entre os homens e o espaço, visto que eles não se interessam em demarcá-lo. Isso é totalmente contrário tanto à natureza humana atual como à natureza humana do século XVI, período retratado pela obra. Por esse motivo, a ilha de Utopia é considerada utópica, ou seja, um espaço sem lugar nas conjunturas humanas tanto da época como da atualidade.

Além do mais, “Há pelos campos casas comodamente construídas, providas de toda a espécie de instrumentos de agricultura, e que servem de morada aos exércitos de trabalhadores que a cidade envia periodicamente ao campo” (MORUS, 1997, p. 58).

Tal trecho sugere que as casas possuem igualmente os mesmos artefatos e que, quando são enviados ao campo, os homens continuam desfrutando de condições de vida razoáveis. Assim, esse espaço facilita a vida dos utopianos e oferece qualidade de vida. Logo, é evidente que o local influencia positivamente as atividades econômicas exercidas, promovendo qualidade de vida durante a execução dessas atividades. Pelo que o narrador descreve, isso proporciona felicidade aos utopianos.

Ao discorrer sobre as cidades de Utopia, o narrador demonstra que, apesar das cidades estarem em disposições geográficas diferentes (capital-centro / demais cidades-periferia), não significa que suas organizações sejam distintas; pelo contrário, o narrador as descreve como semelhantes. Para o leitor, pode ser complicado pensar em uma nação real onde as cidades se assemelham, já que é sabido que as cidades têm suas particularidades, a começar por terem extensões diferenciadas. Porém, são em informações

como essas que residem as particularidades da obra, ajudando a construir um espaço igualitário e utópico.

No trecho a seguir, são apresentadas mais informações sobre a capital Amaurota:

Amaurota se estende em doce declive sobre a vertente de uma colina. Sua forma é de quase um quadrado. Começa a estender-se um pouco acima do cume da colina, prolonga-se cerca de dois mil passos sobre as margens do rio Anidra, alargando-se à medida que vai margeando o rio. (MORUS, 1997, p. 61)

Mais uma vez, a adjetivação da descrição contribui para a topofilia do espaço, ou seja, a relação entre o personagem (narrador) e o espaço é positiva. Rafael Hitlodeu (quem narra o relato sobre a ilha de Utopia) viveu por cinco anos em Amaurota e, por isso, ao descrever o declive como doce, mistura os sentidos e oferece a impressão de que a paisagem é agradável e o relevo é brando. Tal localização tão “doce” é uma analogia às estruturas da ilha, que até agora aparecem como perfeitas.

Vale ressaltar a forma da cidade: é quase um quadrado. O quadrado é, por excelência, a figura geométrica perfeita: quatro lados iguais e quatro ângulos retos. O *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2008) aponta que o quadrado representa a estabilização da perfeição, inclusive pelo fato do quatro ser o número da perfeição divina (quatro Evangelhos, quatro rios do Paraíso, quatro fases da lua, quatro estações, os quatro elementos). Logo, o quadrado metaforiza a perfeição desse espaço: uma instituição tão fora dos padrões que até seu próprio formato soa perfeito. O narrador, para relativizar essa perfeição matemática, utiliza o vocábulo “quase”, até para que seu relato seja mais verossímil. Além do mais, o quadrado implica lados iguais e ângulos iguais: eis a metáfora do sistema igualitário vigente em Utopia. Cidades igualmente organizadas só podem ocupar espaços igualmente divididos.

De acordo com o significado da palavra Amaurota, “cidade que se esvanece”, refletimos acerca de um lugar que não existe, que não pode ter existência real. Um lugar vazio de realidade. Logo, há uma relação de toponímia, pois o próprio nome do espaço acaba por caracterizá-lo como uma cidade inexistente, irreal, imaginária como a própria ilha de Utopia, criando uma relação de semelhança.

Interessante também notar que, etimologicamente, o nome Rafael Hitlodeu, personagem que

narra a descrição da ilha, significa “especialista em disparates<sup>3</sup>”, um contador de histórias. Logo, os próprios nomes próprios utilizados na narrativa corroboram a ideia de que Utopia é uma ilha realmente utópica, pois sua existência real seria um disparate.

## 4 As águas de Utopia

A cidade de Amaurota é banhada por um rio principal, o rio Anidra, sobre o qual o narrador oferece uma descrição mais detalhada. Vale destacar que o próprio nome do rio exprime uma ideia de negação através do prefixo grego “an”, que remete à noção de negação de suas águas, ou seja, um rio sem água.

A nascente do Anidra é pouco abundante; está situada a oitenta milhas acima de Amaurota. A fraca corrente se engrossa na sua marcha com o encontro de numerosos rios, entre os quais se distinguem dois de grandeza média. Ao chegar diante de Amaurota, o Anidra mede quinhentos passos de largo. A partir daí, segue se avolumando sempre até desembocar no mar, após ter percorrido uma extensão de sessenta milhas. (MORUS, 1997, p. 61)

Tem-se a descrição de uma natureza com pouca influência humana. É interessante notar como a presença de um rio banhando a capital, com a aparente harmonia entre os elementos humanos e naturais, ajuda a pintar um quadro idealizado para a paisagem utopiana. Além do mais, o rio cresce gradativamente, sugerindo o próprio processo de crescimento da ilha, que foi se formando e aperfeiçoando a fim de formar a estrutura narrada perfeita.

Também é sabido que, historicamente, as grandes nações se desenvolveram à beira de fontes de água e que isso proporciona grande impulso para as atividades econômicas e sociais, principalmente numa época como a da obra, em que havia poucas tecnologias. Tudo parece contribuir para a formação de um espaço perfeito e paradisíaco.

O tamanho da largura do rio é expresso, como outras medidas geográficas da ilha, em números redondos: “quinhentos passos”. Isso demonstra a perfeição da natureza que compõe Utopia, visto que tudo parece ser harmônico, exato, sem quebras e

3 Tal definição é apresentada em um artigo do estudioso Luciano Ventura, no qual explicita que o nome Rafael Hitlodeu tem origem grega.

imperfeições até mesmo nas distâncias entre os elementos.

A seguir, há mais detalhes sobre a rede hidrográfica da ilha de Utopia:

Dentro de todo o espaço compreendido entre a cidade e o mar, e algumas milhas acima da cidade, o fluxo e o refluxo da maré, que duram seis horas por dia, modificam singularmente o curso do rio. À maré crescente, o oceano invade o leito do Anidra numa extensão de trinta milhas, rechaçando-o para a nascente. Então a vaga salina comunica seu amargor ao rio; mas este, pouco a pouco, se purifica, e leva à cidade uma água doce e potável, e a reconduz inalterada até perto de sua embocadura, quando a maré baixa. (MORUS, 1997, p. 61 e 62)

Percebe-se como há uma regularidade no movimento das marés, medido num período de horas exato. Importante notar que esse tempo de seis horas é exatamente o resultado da divisão das 24 horas de um dia por quatro. Mais uma vez, a presença do número quatro simbolizando a perfeição da organização da ilha, onde até o tempo parece estar perfeitamente dividido. Além disso, a própria paisagem natural da ilha, por si só, se modifica sem, no entanto, prejudicar a vida dos utopianos. Assim, os habitantes não sofrem com a salinidade das águas.

Podemos até nos perguntar como o fluxo fluvial não se contamina pelo sal. Mas o narrador descreve que inclusive as águas parecem perfeitas. Isso contribui para a construção de um espaço que, assim como a organização de Utopia, parece não existir. É perceptível que o sistema hidrográfico, coerentemente com o sistema vigente na ilha, parece irreal.

No próximo trecho, há a descrição da ponte do rio:

As duas margens do Anidra estão ligadas por uma ponte de pedra, construída em arcadas maravilhosamente curvas. Esta ponte se encontra na extremidade da cidade mais afastada do mar, a fim de que os navios possam ancorar em todos os pontos da baía. (MORUS, 1997, p. 62)

De acordo com o *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2008), a ponte significa um local de passagem e de provação, uma transição entre dois estados, a necessidade de se dar um passo

e de se fazer uma escolha. No sistema de Utopia, a ponte une os espaços, ou seja, o rio não pode isolar as cidades, mas, sim, uni-las. Isso faz com que a economia da ilha possa prosperar, possa continuar indo para frente, sendo que a ponte possibilita a comunicação entre as duas margens, entre dois lados.

Essa imagem da ponte longa e curva sobre o rio remete às paisagens dos contos de fada e contribui para a formação de um lugar paradisíaco, mágico. Porém, na ilha, tudo tem sua utilidade; a ponte curva não existe apenas por questão de estética, mas para possibilitar que os barcos atraiam com facilidade.

Em Utopia, beleza é utilidade. Pelas descrições oferecidas pelo narrador, o rio Anidra não só é belo, como suas águas são doces e potáveis; a ponte curva não é apenas esteticamente aprazível, mas facilita a atividade náutica da ilha. Por isso, a noção que vai sendo construída pelo espaço da ilha é de um espaço ao mesmo tempo belo e útil, prático.

É importante agregar que o *Dicionário de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2008, p. 781) aponta que “o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios”. É possível relacionar essa simbologia com a descrição de ilha quando se percebe que Utopia seguiu um curso diferente em relação a outras nações e, por isso, é organizada de maneira ímpar e particular. O desvio da ilha em relação ao contexto político e econômico da época a tornou distinta, de maneira análoga ao curso de um rio que modifica as atividades nas terras pelas quais ele passa.

Em seu livro *A água e os sonhos*, Bachelard (2002) oferece concepções pertinentes a respeito do elemento da água que corroboram a natureza do rio Anidra, o rio “sem águas”. Ele aponta que:

(...) o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. (...) O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. (...) A morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. (BACHELARD, 2002, p. 6 e 7).

Esse trecho evidencia o caráter das águas de Anidra, pois são águas que acabam, morrem, desmoronam, como mostra seu próprio nome. Essa morte também demonstra o sentido utópico da natureza,

existente apenas na idealização, mas, como aponta Bachelard, apesar de ser sua própria morte, a água é embrião inesgotável, e só uma fonte de água perfeita poderia originar uma nação tão meticulosamente organizada.

Em relação à própria criação de uma natureza como a de Utopia, o autor faz algumas considerações ao afirmar que a água dá ao mundo uma solenidade platônica; é um espelho puro de nossas próprias visões, de nosso ponto de vista. O rio Anidra exprime assim um desejo humano de perfeição, de beleza e utilidade.

A seguir, mais uma descrição sobre o sistema hidrográfico de Utopia:

Um outro rio, pequeno é verdade, mas belo e tranqüilo, corre também no perímetro de Amaurota. Este ribeirão brota a pouca distância da cidade, na montanha sobre a qual está ela assentada; e, depois de a ter cortado ao meio, vem unir suas águas às do Anidra. Os amaurotanos cercaram a nascente de fortificações que a ligam aos arrabaldes. Desta forma, no caso de cerco, o inimigo não poderá envenenar o rio nem barrar ou desviar-lhe o curso. Do ponto mais elevado, ramificam-se em todos os sentidos canos de barro que conduzem a água aos quarteirões baixos da cidade. Onde este meio é impraticável, vastas cisternas recolhem as águas pluviais para os diversos usos dos habitantes. (MORUS, 1997, p. 62)

Um outro rio da ilha, analogamente à Anidra, também parece ser perfeito. A paisagem natural descrita mostra, mais uma vez, a beleza aliada à utilidade. E não é ao acaso que a nascente corta a montanha bem ao meio, pois é desse modo que os lados são igualmente banhados pela água e suas atividades não ficam prejudicadas. Também é interessante perceber como os habitantes montaram estratégias para evitar ataques inimigos. Isso intensifica a questão do planejamento, do espaço planejado. Há a impressão de que os homens utilizam os benefícios do espaço natural, através de intervenções culturais, a fim de tornar o espaço ainda mais ideal e perfeito.

Assim, percebemos a presença da coordenada espacial da verticalidade. Esse rio secundário, um ribeirão, encontra-se em posição elevada, dada sua importância vital para os utopianos, sua relevância dentro da natureza local. Já os quarteirões da cidade, subordinados ao rio, uma vez que precisam de suas

águas para suas atividades, se encontram na parte baixa. Logo, a verticalidade estabelece a hierarquia: o ribeirão, elemento indispensável, encontra-se elevado espacialmente, enquanto os quarteirões, dependentes dele, estão rebaixados fisicamente.

Além do mais, nos casos em que a natureza não é perfeita, os homens sempre interferem de modo a “consertá-la” e não causar prejuízos aos habitantes. Percebe-se isso através da construção das cisternas. Percebe-se que o espaço da natureza utopiana já é ideal; mas o homem é capaz de o lapidar, tornando-o ainda melhor através de sua intervenção. Logo, espaço natural propício + intervenção humana = espaço ideal.

Importante também observar que as cisternas se encontram numa posição baixa da coordenada da verticalidade, pois visam captar água da chuva, que cai de uma posição elevada. Mais uma vez, nota-se a hierarquia da água em relação aos elementos terrenos: a água, elemento indispensável à vida, cai de uma perspectiva superior, para ser retida numa posição baixa, representando a dependência humana a esse elemento.

Além de proteger a nascente do rio contra a invasão de inimigos, os utopianos também se preocupam em proteger seu território como um todo. Isso fica evidente no excerto a seguir:

Uma cadeia de altas e largas muralhas circunda a cidade e, a pequenas distâncias, erguem-se torres e fortalezas. As muralhas, dos três lados, estão cercadas de fossos sempre secos, mas largos e profundos, atravancados de sebes e espinheiros. O quarto lado tem por fossa o próprio rio. (MORUS, 1997, p. 62)

É perceptível a grande preocupação dos habitantes em cercar a cidade. Vale ressaltar que a ilha, por si só, já constitui uma barreira natural contra ataques, porém, ainda se faz necessário construir barreiras artificiais. Nesse caso, vê-se a importância da coordenada espacial da verticalidade: quanto mais altas são as muralhas, as torres e as fortalezas, mais segurança conferem aos utopianos. Caso fossem baixas, seriam praticamente dispensáveis. Logo, é possível associar a noção de altura à de segurança.

Outro fato interessante a ser notado é que, enquanto a altura das muralhas e fortalezas confere segurança, a profundidade dos fossos também tem o mesmo efeito. Logo, numa perspectiva vertical, a cidade encontra-se no meio, enquanto, embaixo, há

fossos profundos e repletos de espinhos e, na parte de cima, há muros que a protegem. Desse modo, pode-se dizer que a questão de manter Utopia a salvo se baseia numa perspectiva vertical, capaz de protegê-la de uma maneira mais completa.

## 5 As ruas, as praças, as casas de Utopia

Vejam, na descrição a seguir, a organização das ruas e das praças utopianas:

As ruas e as praças são convenientemente dispostas, seja para o transporte, seja para abrigar-se do vento. Os edifícios são construídos confortavelmente; brilham de elegância e de conforto e formam duas fileiras contíguas, acompanhando de longo as ruas, cuja largura é de vinte pés. (MORUS, 1997, p. 62)

A perfeição da organização espacial da ilha de Utopia também se faz presente nas ruas e nas praças, que facilitam o desenvolvimento das atividades de transporte e também representam proteção para o povo utopiano, que as utilizam como abrigo. As casas não só são confortáveis como elegantes, unindo duas características ideais para a moradia humana; não basta ter conforto, também é preciso ter beleza. Bachelard (1974) aponta que a casa é nosso ponto de referência no mundo, signo de habitação e proteção. Para o autor, “a casa é nosso canto no mundo” (BACHELARD, 1974, p. 358).

A questão das duas fileiras contíguas ao longo das ruas nos remete à ideia de simetria e, consequentemente, de igualdade. Por isso, há uma relação de equilíbrio, o que não deixa de ter ligação com a perfeição, nesse espaço da ilha. Importante também que a largura das ruas é de 20 pés, um número que, além de redondo, ideal, é divisível por dois, corroborando a noção de simetria entre os dois lados dessas ruas.

A seguir, temos uma descrição mais rica das casas da ilha:

Atrás, e entre as casas, abrem-se vastos jardins. Em cada casa há uma porta que dá para a rua e outra para o jardim. Estas duas portas se abrem facilmente com um ligeiro toque, e deixam entrar o primeiro que chega.

Os habitantes da Utopia aplicam aqui o princípio da posse comum. Para abolir a ideia da propriedade individual e absoluta, trocam de

casas todos os dez anos e tiram a sorte da qual deve caber na partilha. (MORUS, 1997, p. 62).

Na descrição das casas, temos a presença da coordenada espacial da frontalidade: na parte de trás, há jardins e, na frente, uma porta que abre para a rua. Os jardins, na parte mais interior e mais atrás das casas, indicam um espaço mais intimista e pessoal, relacionado à individualidade de cada habitante. Já as portas frontais, comuns em todas as habitações, são indícios da igualdade entre todos os utopianos e, por isso, estão expostas aos olhares de todos. Desse modo, percebemos que aquilo que é expressão de individualidade fica restringido na parte de trás das casas, mas, o que demonstra a igualdade entre os habitantes, pode ser exposto nas ruas.

Essa questão da frontalidade fica evidente pelas próprias portas das casas, sendo uma de acesso à rua e outra para o jardim, cada uma comunicando à parte da frente ou de trás. Mais uma vez, há a presença de um número par, o número 2. São duas portas, portas simétricas, pois oferecem acesso a lados opostos da casa, aparecendo mais uma vez a noção de igualdade, simetria. Além do mais, o fato de as portas abrirem com facilidade e permitirem a entrada dos habitantes demonstra como a ilha é segura e isenta de desigualdades sociais que possam incitar a violência, já que não há necessidade de reforçar a segurança das portas.

A questão da igualdade entre as casas é expressa pela abolição da posse comum, em que não há propriedade e todas as casas são de todos. Isso exprime um dos principais pilares da ideologia política do socialismo que, em teoria, visava à equidade entre os cidadãos e à exclusão da propriedade privada. A troca de casas ocorre de dez em dez anos, um número redondo e par. A questão da década é ideal quando pensamos numa unidade de organização do tempo, já que se trata de uma forma muito comum e usual de fazermos referência à moda, à música, à política, à poesia de uma determinada época ou geração. Temos o costume de fazer enquadramentos de algum assunto relacionando-o a uma década específica; por exemplo, a música popular brasileira dos anos 90. Assim, em Utopia, até o tempo é perfeitamente dividido.

A troca de casas ocorre através de um critério de sorte, e não de escolha ou de influência. A sorte é evidência do acaso, não privilegia ninguém. Por isso,

é o critério ideal, o sorteio das casas, que vale de maneira semelhante para todos os habitantes.

No trecho seguinte, temos a questão da jardinagem, hábito presente entre os habitantes da ilha:

Os habitantes das cidades tratam de seus jardins com desvelo; cultivam a vinha, os frutos, as flores. E toda a sorte de plantas. Põem nessa cultura tanta ciência e gosto que jamais vi em outra parte maior fertilidade e abundância combinadas num conjunto mais gracioso. Não é o prazer o único motivo que os incita à arte da jardinagem; há emulação entre os diferentes quarteirões da cidade, que lutam à porfia por quem terá o jardim mais bem cultivado. Na verdade, nada se pode conceber mais agradável, nem mais útil aos cidadãos que esta ocupação. O fundador do império bem o compreendeu, quando tantos esforços envidou para encaminhar os espíritos nessa direção. (MORUS, 1997, p. 62 e 63).

Esse trecho corrobora a noção de que, através dos jardins, os utopianos expressam sua individualidade. Em comum entre o povo da ilha, há o hábito de praticar a jardinagem com esmero, cultivando vários tipos de plantas. O próprio solo faz-se ideal para essa prática, visto que a fertilidade da terra permite essa variedade de cultivos, que somada ao gosto e à ciência dos habitantes, forma uma terra idealizada, perfeita.

Se tudo em Utopia parece igual e nivelado, a individualidade dos habitantes é expressa através do cultivo dos jardins, pois cada um deseja ter o jardim mais atrativo. As próprias palavras “emulação”, “lutam” e “porfia” remetem a essa idéia de competição, de vontade de sobressair-se sobre o outro, em uma verdadeira disputa. Temos, assim, uma característica que exprime a subjetividade dos utopianos, visto que há algum tipo de competição no que diz respeito ao hábito da jardinagem.

Assim, vemos que alguma atividade que se relacione à individualidade e o subjetivismo é importante ao desenvolvimento de qualquer cidadão, já que o próprio fundador da ilha enxergava essa prática com bons olhos. Por isso, percebe-se que, em uma sociedade perfeita como a de Utopia, é necessário um equilíbrio entre essas forças que convergem para o coletivo e para o individual.

O excerto seguinte traz mais algumas considerações sobre as casas da ilha:

Lê-se nos anais da Utopia, conservados religiosamente desde a conquista da ilha e que abrangem a história de mil setecentos e sessenta anos; lê-se que, no começo as casas eram muito baixas, não havia senão choupanas, cabanas de madeira, com paredes de barro e tetos de palha, terminados em ponta. As casas, hoje, são elegantes edifícios de três andares, com paredes externas de pedra ou de tijolo e paredes internas de estuque. (MORUS, 1997, p. 63).

Analisando a passagem anterior, mais uma vez tem-se a presença de um número par: 1760, que seria o período pelo qual a história da ilha é conservada. Mais uma vez, temos a presença de um número divisível por dois, simétrico, com a casa das unidades vazia, o que oferece a impressão de número inteiro. Como a obra foi publicada no século XVI e a história da ilha já datava mais de 1700 anos, conclui-se que sua existência é anterior a Cristo e ao nosso próprio calendário. Trata-se, portanto, de uma sociedade bastante antiga.

Entre as casas de antes e de agora há uma dicotomia que se relaciona à coordenada espacial da verticalidade. Antes as casas eram baixas e, além disso, bastante rústicas, pois a palavra choupana designa uma casa simples e até pobre. O vocábulo cabana remete a uma habitação pouco segura e firme, uma moradia de conotação provisória. As próprias matérias-primas das casas são um tanto precárias e simplórias. Depois, em relação à coordenada espacial da verticalidade, as casas se tornam mais altas, verdadeiros edifícios, são elegantes e feitas de materiais mais resistentes e duráveis, como o tijolo, a pedra, o estuque.

Por isso, percebe-se que o baixo remete ao que é mais rústico e precário, menos confortável e idealizado. Até podemos relacioná-lo a alguma pouca habilidade inicial dos cidadãos em fazerem construções mais elaboradas. Já o alto relaciona-se ao que é mais elaborado, ideal, elegante e a um estado de avanço tecnológico e arquitetônico muito maior (as civilizações, quanto mais desenvolvidas, desenvolvem construções ainda mais altas que aproveitam melhor o espaço).

Portanto, as casas mais rasteiras e próximas ao chão são mais precárias e demandam menor desenvolvimento da sociedade utopiana, além de serem ligadas a um tempo passado, já superado. Já as casas mais altas e mais próximas do céu são melhores e

mais elegantes, mais seguras, fruto de um desenvolvimento intelectual muito maior dos habitantes, ligadas ao tempo presente que, em Utopia, é ideal e perfeito. Logo, nessa perspectiva de verticalidade, o mais alto é relacionado ao mais positivo e o mais baixo ao mais negativo.

Terminando a caracterização das casas, temos o seguinte trecho:

Os tetos são chatos, recobertos de uma matéria moída e incombustível, que não custa nada e protege melhor que o chumbo dos danos do tempo. As janelas envidraçadas (faz-se na ilha grande uso do vidro) abrigam do vento. Algumas vezes substitui-se o vidro por um tecido de uma finura extrema revestido de âmbar ou óleo transparente, o que oferece ainda a vantagem de deixar passar a luz e evitar o vento. (MORUS, 1997, p. 63)

A partir dessa descrição, tem-se a noção de como era perfeita a matéria-prima de construção das casas, à prova de incêndios. Também podemos perceber que esse material, incombustível e mais resistente que o chumbo, não é nomeado. Provavelmente, não o conhecemos em nossa natureza e isso comprova o caráter utópico da ilha de Utopia, onde se podem encontrar elementos desconhecidos para os que não habitam aquela terra. Para corroborar o caráter utópico desse elemento, ele não tem valor nenhum para os habitantes, o que parece ser inconcebível.

A questão do vidro das janelas demonstra a transparência vigente na ilha: em um lugar ideal em que todos vivem de maneira ideal não há o que esconder. Por isso, o vidro torna-se elemento tão presente em Utopia, por caracterizá-la como transparente, permitindo que tudo seja visto e permitindo a passagem de luz, iluminando.

Quando o vidro não é utilizado, é substituído por um tecido igualmente transparente, ou seja, de qualquer maneira se tem a ideia de poder olhar tudo que os rodeia, uma espécie de acesso visual ao interior das casas. E como o tecido é revestido por âmbar ou óleo, torna-se útil também para proteger do vento. Analisando todas essas imagens das casas de Utopia, percebemos com que idealização elas são construídas, em consonância com os demais elementos que foram analisados ao longo do artigo.

## 6 Conclusões

A obra *Utopia* apresenta algumas particularidades que tornam a análise do espaço um pouco diferente. Apesar de existirem personagens no livro, durante a descrição da ilha não há momentos de interação de personagens com o espaço, o que já exclui alguns tópicos de análise, como a criação de clima e a relação personagem-espaço. Nosso trabalho se restringe à interpretação da própria descrição em si, o que, inicialmente, pode causar alguma estranheza.

De qualquer modo, as análises dos espaços de Utopia comprovam a hipótese inicial de que, muito provavelmente, eles estariam organizados de maneira perfeita e ideal, em consonância com os demais aspectos vigentes na ilha, como as organizações política, econômica e social. Logo, percebe-se que conjunturas tão idealizadas só podem ocorrer em um espaço físico igualmente idealizado, no que se pode ver com a organização dos rios, das casas, da capital Amaurota etc.

O ponto inesperado nas análises foi a questão da presença da individualidade dos habitantes, manifestada através do cultivo do jardim, em que cada um, com esmero, queria fazê-lo mais bonito e diferenciado. Ou seja, por mais que haja regularidade quanto à divisão e ao aproveitamento dos espaços pelos utopianos, de uma forma ou outra estaria presente a individualidade inerente ao ser humano, em alguma parte da narrativa.

## 7 Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação da matéria. Martins Fontes: São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. A Poética do Espaço. In: **Os Pensadores** XXXVIII. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura:** introdução à topoanálise. Ribeirão gráfica e editora: Franca, 2007.
- CHALITA, Gabriel. **Vivendo a filosofia.** Atual editora: São Paulo, 2004.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1977.

MORUS, Thomas. **Utopia**. Nova cultural: São Paulo, 1997.

O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. Editora Unesp: São Paulo, 1992.